O grande cerco de Mazagão

1562

A cidade fortaleza de Mazagão, na costa de Marrocos, tinha sido mandada edificar por D. Manuel I. Concluída no ano de 1510, foi confiada à guarda de Martim Afonso de Meio, com o título de capitão-mor, e a sua guarnição passou a ser constituída por 25 cavaleiros e 100 soldados.

Três anos depois, uma expedição portuguesa comandada pelo 4.º duque de Bragança, D. Jaime, e constituída por mais de 400 velas, com 18 000 infantes e 2500 cavalos, conquistava aos Mouros a fortaleza de Azamor, aumentando o prestígio das nossas armas. A posse de Mazagão e a conquista de Azamor vinham juntar-se às de Ceuta (1415), Alcácer-Ceguer (1458), Arzila, Tânger (1471), Larache, Safim, etc.

D. João III, preocupado com a colonização do Brasil e com as enormes despesas resultantes da manutenção de tantas praças fortes em África e com a conservação da Índia, determinou que fossem evacuadas Safim e Azamor, seguidas anos depois de Arzila e Alcácer-Ceguer, a fim de concentrar as suas forças em Mazagão, pois os sacerdotes mouros pregavam constantemente a guerra santa contra os Portugueses ali estabelecidos.

Ceuta havia de ser perdida em proveito da Espanha, que a conservou após a restauração de 1640, e Tânger, pouco depois, seria cedida à Inglaterra, quando do casamento da infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II, após a efémera experiência republicana de Cromwell.

Mazagão vivia em constante vigília.

Quando tocava a rebate, todos os homens válidos pegavam em armas, prontos a defender-se.

Como as constantes escaramuças, provocadas pelos muçulmanos, não dessem resultado, pois os defensores da fortaleza eram verdadeiramente invencíveis, o sultão Mulei-Abdalá mobilizou um forte exército na Primavera de 1562. Acorreram aos arredores da cidade todos os homens válidos da Mauritânia. Os campos estavam cobertos de homens, com artilharia, camelos e rebanhos, Ia-se tentar o mais vigoroso ataque a esse punhado de cristãos, que teimavam em manter bem alto o pendão da cruz, onde os infiéis queriam ver desfraldada a bandeira do crescente.

A fortaleza inexpugnável dispunha então apenas de 2600 homens para a defesa. Era muito pouca gente para aguentar a avalanche que se ia despenhar sobre tão pequeno núcleo de resistência.

O governador interino Rui Sousa de Carvalho mandou imediatamente pedir reforços a Lisboa. Enquanto estes não viessem, ele aguentaria a fúria do ataque.

Logo que chegou a Lisboa o pedido de reforços, produziu-se um entusiasmo louco: cavaleiros, fidalgos, mareantes, tudo se preparou rapidamente para seguir em auxílio dos sitiados. O governador Álvaro de Carvalho, que se encontrava na corte com outros cavaleiros, meteu-se logo a caminho, carregado de provisões, para ocupar o seu lugar de comando. Os patriotas ricos equipavam companhias de voluntários à sua custa. E os frades partiram também para entusiasmar os defensores, alçando a cruz de Cristo no auge dos combates.

O inimigo atacava violentamente com cem mil infantes, trinta mil cavaleiros e treze mil auxiliares para escavar e remover terras, tudo isto apoiado por vinte e quatro canhões.

O filho do sultão, Mulei Moâmede, aquele que 16 anos mais tarde havia de arrastar D. Sebastião ao desastre de Alcácer-Quibir, foi investido por seu pai no comando das tropas muçulmanas, que cobriam os terrenos compreendidos entre Mazagão e Azamor.

Não concebendo que tão pequeno número de homens pudesse fazer frente ao seu poderoso exército, enviou, antes de iniciar o ataque, um ultimato ao governador, em que dizia:

— Tenho tolerado essa fortaleza até à data, mas agora exijo a sua evacuação; para este fim, dou o tempo preciso para levarem tudo menos a artilharia e as armas: mas se não quiserem aproveitar a minha generosidade, tomarei pela força o que de direito me pertence e, se não me obedecerem, passarei tudo a fio de espada, e isso é tanto mais fácil quanto é certo que Portugal é governado por uma mulher e o rei é ainda criança.

Referia-se à regência de D. Catarina de Áustria, viúva de D. João III e avó de D. Sebastião, ainda menor.

Mas, assim como o orgulhoso Xerxes à frente de um exército numeroso, intimando Leónidas e os seus bravos companheiros a que depusessem as armas, no desfiladeiro das Termópilas, recebia como resposta estas simples palavras «vem tomá-las», também o atrevido Mulei-Moâmede recebia como resposta ao seu ultimato as seguintes palavras, dignas de Leónidas:

— Nenhum português é homem que receie o poder e as ameaças dos mouros; todos saberão resistir e defender a fortaleza do rei-criança, seu soberano, porque todos os que se encontram na praça são portugueses que juraram morrer ou vencer e eles só morrem na luta quando deitam por terra os seus inimigos.

Dois meses de combate provaram uma vez mais aos Muçulmanos que os Portugueses sabiam ligar as acções às palavras.

Com efeito, a luta começou trágica, terrível e mortífera, O ataque da artilharia inimiga era incessante; a defesa, heróica, infatigável, hercúlea.

Entretanto, vão chegando reforços. O entusiasmo cresce.

Os Mouros conseguem cercar-nos por mar e apoderam-se de algumas barcas que nos eram necessárias para o desembarque de homens, víveres e munições; mas, uma noite, o veterano Jerónimo Belo desce por uma corda, com uma faca nos dentes, e nada até ao local em que as barcas apresadas se encontram. Corta-lhes as amarras e, sempre nadando, consegue trazê-las atrás de si, até à porta do mar, por onde se fazia a comunicação do mar com a fortaleza.

Os sitiados abriram uma mina por baixo das muralhas, o que levou alguns mouros a dizer aos nossos:

— Vocês têm muito cuidado com as cabeças por causa dos tiros; mas olhem que os pés lhes não estão mais seguros.

Os sitiados fizeram uma contra-mina e, no dia 15 de Abril, encontraram-se frente a frente na galeria, bateram-se heroicamente durante horas e conseguiram repelir os assaltantes a tiro de arcabuz.

No dia 30 de Abril, no momento da preiamar, os Mouros fizeram um ataque violento e conseguiram abrir brecha nas muralhas com a artilharia. Debaixo de um fogo terrível, onde morreram muitos combatentes de um e de outro lado, os valentes defensores de Mazagão escreveram a mais linda página da sua história.

As corajosas mulheres, ao lado dos homens, lutavam e entusiasmavam os combatentes. Paulina Fernandes, armada de uma lança, sobe a escadaria da muralha, anima os soldados que combatem e propõe-se a impedir que abandone o seu posto algum cuja coragem porventura sofra quebra.

Uma explosão de vinte barris de pólvora, provocada pelos nossos, produziu no meio dos sitiados verdadeira hecatombe.

Entretanto, chegavam mais tropas de Lisboa, e o inimigo, cansado da luta, desbaratado e desanimado pela coragem indómita dos sitiados, abandonou o cerco, no dia 17 de Maio, retirando para Azamor.

Este esforço hercúleo dos defensores de Mazagão manteve ainda por dois séculos a soberania de Portugal, na veneranda fortaleza.

Afinal, esta teve de ser abandonada pelos seus ocupantes, por ordem expressa do governo da metrópole, personificado no Marquês de Pombal, após tantos sacrifícios de 267 anos.

O último reduto português na Mauritânia desaparecia a 11 de Março de 1769, e os valentes defensores de Mazagão, obrigados pela metrópole a abandonar a praça que tanto sangue havia regado, quebram as armas, queimam os móveis, inutilizam a artilharia, minam os baluartes e esmagam sob o peso de uma parte das muralhas, derruídas pela explosão, alguns milhares de marroquinos.

Regressados à Pátria, resolveram muitos deles emigrar para o Brasil, onde fundaram a Vila Nova de Mazagão.

*Teria sido de boa política o abandono voluntário das praças africanas de Marrocos?
Para que serviu tanto esforço dispendido, tanto dinheiro gasto e tanto sangue
derramado?*

*A costa ocidental de Marrocos que, no tempo de D. Manuel I, estava orlada de praças
de guerra, onde a cruz de Cristo e a bandeira portuguesa se sobrepunham ao crescente
muçulmano, vê-se a pouco e pouco abandonada, e, da nossa gloriosa ocupação, apenas
ficaram veneráveis ruínas.*

*A verdade é que, com um sacrifício maior, Portugal teria conseguido com o tempo a
pacificação, e a região de Marrocos poderia ser hoje a continuação para sul do nosso
território continental.*

*Mas, como diz Oliveira Martins, «o domínio português das praças do Litoral de África
é apenas um episódio da grande história das descobertas e conquistas ultramarinas; e
o seu melhor merecimento foi de servir de escola para os guerreiros da Índia».*

Não teria razão o velho do Restelo para clamar?

— Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Árábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
... ..
Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe...

Obs: A nossa História, aqui e ali, está cheia de actos heróicos. Sempre em desproporção numérica, mas com um sentido do que é ser português, irrepreensível.

Não fora (também) o desastre da Índia portuguesa em 1961 e a História manter-se-ia intocável. Aqui pecámos! Renegámos um passado cheio de ensinamentos e honra. As ordens eram como sempre foram, lutar pela honra e pela Pátria!

Já aqui havia indícios do que somos hoje!